

Aspectos da Transposição Platônica

*Platon imite les imitateurs pour restaurer la vérité de ce qu'ils imitent:
la vérité elle-même.*

J. Derrida

Trata-se, inicialmente, de delimitar o objeto do presente estudo: verificar, tomando o *Fedro* como horizonte de nossas interrogações, certos procedimentos do pensamento platônico que podem auxiliar na compreensão de seu modo específico de filosofar. Para tal, a noção de transposição, conforme utilizada por Diès, fornece um precioso instrumento de pesquisa para a investigação do platonismo na medida em que revela, no interior mesmo do diálogo, uma série de pontos convergentes. Essas convergências dizem respeito, sobretudo, ao fato de Platão, ao elaborar o seu sistema, recolher diferentes elementos de distintas procedências e os organizar segundo os fins que lhes são próprios. O resultado obtido, ultrapassando em muito os elementos que o compõem, é inteiramente original.

Os diálogos platônicos exprimem a tensão entre-tradições do pensamento grego que Platão retoma e as questões que a crise de seu próprio tempo não cessa de colocar. Da tensão e da crise parecem advir todo o trabalho de síntese, toda a aspiração de unidade que o seu pensamento implica.

A originalidade mesma de sua filosofia, sua criação, significa sempre essa "mistura sábia de violência e sedução sobre cegas e fatais preexistências".²

1 Departamento de Filosofia da UERJ. Doutorando em Filosofia na PUC-Rio.

2 Diès, August, *Autour de Platon*. Les Belles Lettres, Paris, 1972, p. 104.

A arte do reconhecimento e o jogo com o passado, cujas ressonâncias é preciso ouvir, longe de representar a denegação do presente e de seu próprio meio, significam, antes, o recuo necessário para nele intervir. A filosofia platônica procede sempre pela superposição dos planos do passado e do presente. A atitude crítica consiste nas sucessivas transposições que ali se operam, no modo particular de interrogar o passado e o presente e de fazê-los convergir igualmente para o centro móvel do sistema que elabora. Força centrípeta de atração, o pensamento de Platão aspira, sobretudo, reintegrar, em um todo superior, o passado e o presente.

Platão, o pensador, deseja unir em um corpo vivo de conhecimentos "...tanto a necessidade mítica dos tempos longínquos quanto o orgulhoso e claro intelecto do tempo presente..."³

Trata-se de introduzir um diferencial capaz de viabilizar, por um recuo e uma retomada crítica do passado, o confronto com a atualidade e a reestruturação do pensamento.

Reestruturar o pensamento quer dizer elaborar um discurso legitimamente fundado que seja o critério objetivo de avaliação tanto das concepções do mundo quanto das teses que sustentam as atuais teorias.

A sabedoria antiga, cujos fundamentos se apoiam sobre a visão mágico-religiosa do mundo, e da qual o mito é expressão, assim como as filosofias pré-platônicas que pretendem descrever o universo da *physis*, são da ordem de um "dizer" que se basta a si mesmo, sem justificativa ou demonstração.

Do mesmo modo, as teses atuais da sofística e da retórica, cujo relativismo invalida qualquer pretensão de um conhecimento objetivo e a um critério de avaliação do saber, se esgotam em um tecnicismo estéril e insidioso.

A enunciação dogmática da verdade (*aletheia*) nos quadros da sabedoria arcaica foi substituída pelo relativismo cético que está no fundo da atitude sofístico-retórica.

Não se trata, entretanto, para nós, de estabelecer um inventário das antigas crenças e opiniões para opô-las às opiniões e crenças do tempo de Platão, mas de situar a filosofia platônica no contexto do antigo e do novo e de explicitar o modo específico pelo qual ao reapropriar-se do passado ela pode problematizar diferentemente o presente.

O presente no qual pode emergir a filosofia de Platão é aquele de uma crise generalizada nos quadros da cidade.

3 *Id. ibid.*, p. 401.

A inauguração dessa filosofia é contemporânea de uma recessão da história. É essa época decepcionante, onde Platão crê observar o declínio dos costumes e o enfraquecimento das instituições, que necessita, segundo ele, a passagem a uma “filosofia rigorosa”.⁴

Essa crise que corrói os fundamentos da cidade-estado grega e corrompe as relações entre os homens, subverte igualmente os quadros do pensamento. Crise de valores que solapa as tradições e fomenta as incertezas do presente, destruição dos laços sociais, ruína do pensamento.

A filosofia é, pois, concebida por Platão sob o signo dessa crise. É sob e sobre essa crise, que cumpre, então, filosofar. Que a sua filosofia tome a forma de uma reconstrução positiva do saber e se transforme em um projeto de legitimação do conhecimento é bastante significativo. Sua filosofia é, também, e, sobretudo, uma denúncia. É a denúncia vigorosa dos modos de pensar e de agir de seu próprio tempo, onde a decadência política da cidade, os antagonismos religiosos, a perversão dos costumes promovem a ruína do pensamento e estimulam a violência. A cidade explode em conflitos e rivalidade, a democracia fracassa e os cidadãos se debatem em defesa de seus interesses individuais. Astúcia, excesso e paixão.

A disparidade dos interesses, refletindo-se nos esquemas de pensamento desautoriza toda e qualquer pretensão ao universal e ao absoluto. Toda verdade é, agora, fatural, relativa e contingente, produto artificial das técnicas oratórias ou sofísticas.

A verdade, que outrora se confinava no interior dos templos e dependia do frêmito religioso de alguns para ser revelada, corresponde agora à prática do verossímil (*eikos*) e se simula por toda a parte à disposição de cada um. Dessacralizada, reduzida ao cálculo do possível e do provável, ela deixa de ser o privilégio de uma função para se tornar o programa de um ensino.

Toda essa transformação (e os riscos que ela comporta), que vai do dito inspirado ao simulacro verbal e que corresponde à passagem da tradição oral do período arcaico aos diversos tipos de literatura escrita da idade clássica, precisa ser novamente avaliada, submetida ao exame minucioso de um pensamento que quer fundar-se a si próprio.

A tarefa do pensamento, que consiste para Platão em uma ruptura com o presente, toma a forma de um compromisso com o passado a partir do

4 Joly, Henri, *Le renversement platonicien*, logos, episteme et polis. Vrin, Paris, 1985, p. 15.

qual cumpre expiar as deformações e os desvios do presente. Esse compromisso não representa a mera reprodução do passado mas, significa antes, a possibilidade de fundar o radicalmente novo. O recurso ao passado se faz necessário tão somente em função da urgência de criar a novidade filosófica, científica e política que o presente reclama.

A novidade filosófica do platonismo consiste, sobretudo, na transposição conceitual que opera sobre o conjunto de temas e noções que compõem o “conglomerado herdado”. Tomada enquanto um procedimento filosófico, a transposição, implica tanto uma reapropriação crítica do passado quanto uma problematização do presente. Passado e presente são, igualmente, transpostos.

O processo mesmo de transposição conceitual representa uma peça essencial do pensamento platônico, na medida em que incide sobre o conjunto das noções herdadas da antigüidade e das atuais concepções expressas nas filosofias do seu tempo e revela o esforço radical que empreende o sintetizar, em um corpo superior de conhecimentos, tanto a tradição religiosa e literária quanto a ciência e a filosofia atuais.

A transposição comanda, sob vários aspectos, a criação platônica e a elaboração de seu sistema depende mesmo desse processo.

Pode-se mesmo interrogar se esse processo não vale como estrutura generativa que, pelo jogo combinado da metáfora, do paradigma e da analogia, opera sempre sobre um duplo registro. Nessa prorrogação do figurado, do abstrato e do inteligível a partir do literal, do concreto e do visível, consiste o processo de idealização e de racionalização cujo resultado é precisamente, graças a um sistema cerrado de imagens e de remissões, de relações e de deslocamentos, o que é conveniente chamar, desde então, o mundo das Idéias.⁵

A transposição platônica se caracteriza pois, pela submissão dos planos múltiplos da realidade às exigências de uma racionalidade crítica que trabalha sobre os dados do real (conjunto de hábitos e atitudes mentais) e os transpõe para um plano onde os conteúdos concretos do pensamento são substituídos pelas entidades abstratas que os representam.

Tipo particular de filtragem e seleção das noções sobre as quais se fundam as crenças e opiniões (*doxa*), a transposição filosófica, distribui em um plano

5 *Id. ibid.*, p. 53

de equivalência horizontal a diversidade dos saberes para substituí-los, a seguir, pela verticalidade ascendente da ciência (*episteme*) que os fundamenta.

Nesse sentido, a transposição, filosoficamente concebida, implica pensar o ser em sua relação e permite propor uma nova diretriz para o pensamento e um novo objeto para o conhecimento. Desse modo, enseja tanto a elaboração de um método quanto estatui, a partir daí, uma nova concepção da verdade.

É, ainda, esse mesmo processo que permite a Platão realizar a síntese das diferentes tendências do pensamento sem se perder em um ecletismo grosseiro. Ao confrontar as diferentes posições e distribuí-las em um plano comum da equivalência ele pode reconhecer, para além dos antagonismos, uma secreta solidariedade, a identidade, o ponto de vista superior que permite ultrapassá-las. Trata-se de superar a limitação própria a cada perspectiva em particular, que só visa um aspecto determinado da realidade, de encontrar a relação efetiva que une as partes ao todo.

Que esse confronto se efetue, pois, no interior de um diálogo metodicamente conduzido onde a sucessão de teses que sustentam a crenças e opiniões é submetida à exigência de demonstração e ao rigor das definições onde as perspectivas particulares cedem lugar a uma perspectiva única.

O diálogo platônico, ocasião privilegiada do discurso filosófico, é o cenário exemplar para o exercício dialético do pensamento onde um interlocutor é interrogado sobre suas convicções e convidado a ir verificar o fundamento das teses que apresenta tendo em vista o conhecimento da verdadeira natureza (essência) do objeto sobre o qual se fala.

A condução dialética do diálogo tem início em função de um acordo prévio (homologia) que se estabelece entre as partes dialogantes —o interrogado e o interrogante. Esse acordo, pela cumplicidade que desperta, torna possível suspender as familiaridades do pensamento e fazer avançar a pesquisa. A pesquisa dialética, recusando passo a passo o lugar comum das opiniões, permite aceder ao plano das definições, à idéia original ou à tese reformadora e postular a essência transcendente que os determina (*o ser*).

Longe de ser uma exposição dogmática, o diálogo é a ilustração viva de um método que busca e que, freqüentemente, se busca. Em sua composição, o diálogo se articula segundo a progressão do método e dele esposa a *démarche*.⁶

6 Goldschmidt, Victor, *Les dialogues de Platon, structure et méthode dialectique*. PUF, Paris, 1971, p. 3.

O diálogo persegue o método, sua estrutura filosófica é inteiramente dependente da pesquisa metódica que aí tem lugar. A filosofia platônica é inseparável da pesquisa dialética; a própria noção de verdade que deriva do platonismo é condicionada pelo desenvolvimento do método.

A dialética platônica enquanto pesquisa da verdadeira natureza do objeto compreende dois aspectos fundamentais: a indução sintética, pela qual se reduz a multiplicidade dispersa dos fenômenos à unidade da idéia que a representa; a divisão exaustiva, pela qual se desmembra a unidade obtida segundo suas articulações naturais e se classificam, segundo suas diferenças, as espécies.

A síntese (*synagoge*) e a divisão (*diairesis*) enquanto expedientes filosóficos definem os traços essenciais do platonismo: a recusa em considerar a multiplicidade esparsa dos fenômenos e o conseqüente esforço por reuni-los em uma entidade abstrata que determina e engendra o múltiplo; a recusa do domínio do visível e do sensível e a busca de um princípio inteligível que o fundamenta; a recusa das explicações por associações mecânicas ou causas secundárias e a postulação de uma razão ou de uma causa racional que exprime as relações entre o todo e suas partes.

Diálogo e dialética preparam, no sistema de Platão, a demonstração da existência das Idéias, princípio inteligível, causal e abstrato que fundamenta sua concepção da verdade.

A concepção platônica da verdade se apóia sobre a existência das Idéias que constituem o fundamento da trama fenomênica da realidade. A Idéia como fundamento do real legitima toda pretensão ao conhecimento da verdade. A Idéia é a entidade genérica e transcendente que dá realidade aos fenômenos sensíveis, constitui essa realidade e assegura sua integridade.

O conhecimento da verdade pressupõe sempre um afastamento do mundo das qualidades sensíveis, um desvio em direção ao inteligível. Conhecer é reconhecer a determinação da essência sobre a aparência, do ser sobre o devir.

A teoria das idéias é que permite estabelecer um critério objetivo da verdade. O discurso verdadeiro, para além de sua imbricação com o falso, o ambíguo e o contraditório, se afirma por sua conformidade à verdade do objeto, à sua idealidade. O verdadeiro participa da verdade e dela retira sua especificidade.

Ao aspecto seletivo da divisão dialética, à determinação das espécies, corresponde, pois, uma participação eletiva.

A grande dualidade manifesta, a Idéia e a imagem, não está aí senão com esse objetivo: assegurar a distinção latente entre duas espécies de imagens, dar um critério concreto. Pois, se as cópias ou ícones são boas imagens e bem fundadas, é porque são dotadas de semelhança. Mas a semelhança não deve ser entendida como uma relação exterior: ela vai menos de uma coisa a outra do que de uma coisa a uma Idéia, uma vez que é a Idéia que compreende as relações e proporções constitutivas da essência interna.⁷

Desse modo, o verdadeiro, se assemelhando internamente à identidade superior da Idéia, reflete ou participa da verdade do objeto.

Diálogo, dialética e verdade definem, em sua reciprocidade, os aspectos centrais do platonismo e a novidade filosófica que ele anuncia: o diálogo como exercício dialético do pensamento que permite conhecer a verdade.

Ao fazer convergir para o interior do diálogo o conjunto das concepções antigas e atuais e submetê-los ao exame dialético, Platão pode, então, promover a síntese do pensamento grego e indicar uma nova imagem da verdade.

O caráter inédito de sua filosofia deve ser compreendido a partir das sucessivas transposições que seu pensamento sistematicamente opera.

É, sob a perspectiva da transposição platônica que gostaríamos de verificar, tomando algumas indicações contidas no *Fedro*, o modo pelo qual esse processo é, com efeito, aplicado.

A escolha do *Fedro* dentre os inúmeros diálogos disponíveis não é arbitrária —ele nos parece ser um texto privilegiado na medida em que responde a uma dupla exigência; é uma polêmica com o presente que se trava a partir de uma retomada crítica do passado e ilustra de forma exemplar o modo específico de Platão filosofar.

Segundo a tradição que remonta a Diógenes Laércio e a Olimpiodoro, o *Fedro* teria sido o primeiro diálogo platônico não somente devido ao caráter “juvenil” da exposição, mas ainda em função da linguagem ditirâmbica e do tom arrebatado dos discursos de Sócrates sobre o amor. Entusiasmo e frescor trairiam, pois, um pensamento incipiente. Shleiermacher chega a considerar o diálogo como o programa da Academia e a situá-lo por suas características, entre os primitivos trabalhos de Platão.

De qualquer modo, até o século XIX, o *Fedro*, apesar de seu “primiti-

7 Deleuze, Gilles, *Lógica do Sentido*. Perspectiva, São Paulo, 1975, p. 262.

vismo”, foi encarado como ponto de partida para compreensão dos objetivos filosóficos e educativos do platonismo.

Constituía o compêndio mais resumido das idéias platônicas acerca da relação entre a palavra escrita e falada e o pensamento e conseqüentemente era o pórtico por onde todos entravam no templo da filosofia de Platão.⁸

O problema relativo ao lugar do *Fedro* no conjunto da obra suscitou variadas discussões e muitas reações críticas tendo em vista os contínuos deslocamentos cronológicos que tendiam a situar o diálogo, cada vez com maior unanimidade, entre aqueles do período da maturidade da obra platônica.

Léon Robin, em *La théorie platonicienne de l'amour*, dedicou todo um capítulo ao problema cronológico do *Fedro*, desde a contribuição da estilometria até as mais recentes posições, e estabeleceu, através da análise temática e das relações entre os diversos diálogos, que o *Fedro* é “não somente posterior ao Banquete mas vizinho dos últimos diálogos de Platão” (Robin, 7, 74).

Consideramos o *Fedro* de extrema importância para a compreensão da filosofia platônica — não se trata somente de uma introdução mas da exposição sistemática do alto grau de desenvolvimento do pensamento de Platão. Não se trata somente de um grande resumo e de suas principais preocupações em estado nascente, mas atesta, sobretudo, pela profundidade teórica de suas formulações, um pensamento já constituído, perfeitamente consciente de seus meios tanto no sentido do alcance especulativo quanto no plano das conseqüências práticas.

A maturidade de pensamento que o *Fedro* testemunha deixa entrever, na trama vigorosa e irônica do diálogo, os expedientes tipicamente platônicos de filosofar — os diferentes níveis da transposição filosófica.

Pórtico de entrada da filosofia platônica, o *Fedro* responde pela própria constituição do discurso filosófico, das condições de sua transmissão e de seus objetivos finais. O discurso filosófico em sua especificidade compreende tanto a forma de sua argumentação quanto o conteúdo das teses que apresenta. Forma e conteúdo devem permanecer sempre, de algum modo, correlacionados.

O problema da coerência interna do *Fedro* e de sua unidade abriu espaço

⁸ Jaeger, Werner, *Paideia, a Formação do Homem Grego*. Martins Fontes, São Paulo, 1986, p. 859.

para muita controvérsia, posto que o próprio diálogo se apresenta dividido em duas partes aparentemente distintas e sem relação: a uma primeira que trata do amor e da beleza segue-se outra onde se contrapõem retórica e dialética. Tentou-se, inutilmente, subordinar uma parte a outra sem que fosse possível, contudo, determinar o princípio de unidade do conjunto.

Não se trata, segundo a perspectiva adotada por Robin na *Notice* de sua tradução do *Fedro*, de determinar qual o tema principal e qual o tema secundário, mas, antes, de reconhecer, pelas articulações essenciais da estrutura do diálogo, a solidariedade orgânica entre o elemento amor e o elemento retórico, pois nenhum dos dois pode ser tomado independentemente do outro.⁹

Forma e conteúdo se entrelaçam já que um estreito vínculo parece unir, desde as etimologias do *Crátilo* o amor (*eros*) à retórica compreendida enquanto arte de questionar (*erotan*). Ao tentar estabelecer a etimologia de herói, Sócrates relaciona seu nascimento ao amor de um deus por uma mortal ou de um mortal por uma deusa, de onde advém o atributo heróico de semideus e sugere que se examine esse nome à luz da antiga língua ática onde é possível verificar que os heróis devem seu nome e seu nascimento a uma pequena troca na forma da palavra amor (*eros*). A seguir, define os heróis em fazer perguntas (*eortan*) e em falar (*eirein*) já que *eiren* é sinônimo de *legein* (dizer).

Segundo o que acabamos de dizer, os heróis, em língua ática, eram oradores e hábeis formuladores de questões, até que a linhagem e raça dos heróis se converteu em uma espécie de retóricos e sofistas.¹⁰

O elemento erótico e o retórico são, pois, termos inseparáveis ou indissociáveis —o amor se articula sempre em discursos, o amante é, também, um herói.

Assim, quando fala sobre o amor —no *Lísis*, no *Banquete*, no *Fedro*—, esse discurso tem o amor como objeto, mas subentende-o também no ato mesmo do falar: do falar do perfeito amante. Pois 'o perfeito amante (*erotikos*) é o verdadeiro filósofo'.¹¹

9 Robin, Léon, *Notice sur le Phèdre*. Les Belles Lettres, Paris, pp. XXVI-LIX.

10 Platon, *Cratyle*. Les Belles Lettres, Paris, 398 d-e.

11 Pessanha, J. A. M., "Platão, as Várias Faces do Amor", em *Os Sentidos da Paixão*. Cia. das Letras, São Paulo, 1987, p. 86.

A arte complexa do diálogo cuja unidade —a erótica e a retórica— ressoa na diversidade dos temas ou motivos que o compõem —a divindade, os delírios, a alma, a psicagogia, o ensino oral e a escrita— faz confluir diferentes opiniões sobre diferentes assuntos, confronta crenças e valores a fim de restaurá-los. O trabalho mesmo de restauração crítica implicando uma radical ruptura com os antigos quadros do pensamento é que possibilita a problematização do presente.

Exercício aberto de um pensar que se debruça reflexivamente sobre a atualidade, onde a crise se esboça como o produto do abandono voluntário e precipitado do passado, o *Fedro* é um diálogo-intervenção.

A intervenção platônica se efetua, segundo o plano do diálogo, em uma dupla direção: um recuo tático, ao aproximar sua filosofia das antigas formas da sabedoria grega pela análise dos modos de enunciação dos delírios divinos; um avanço definitivo, ao diferenciar seu pensamento das filosofias atuais pela crítica das formas dos enunciados da retórica-sofística. A análise dos delírios divinos conduz à diferenciação do delírio erótico, delírio propriamente filosófico que se endereça à verdade. A crítica da retórica-sofística corresponde à formulação de uma retórica verdadeiramente filosófica cujo estatuto se funda no próprio método dialético.

Delírio e dialética, inspiração e método, formam a trama por onde oscila incessantemente a argumentação socrática no *Fedro*.

O recuo à tradição e o elogio da inspiração delirante têm por objetivo ilustrar a origem sagrada da sabedoria antiga à qual a ciência filosófica pretende estar filiada sem, contudo, identificar-se inteiramente a ela. A identificação do delírio-erótico tem por função promover a substituição de uma erótica fundada sobre a prática da corte por outra de caráter filosófico, que visa a ascese do sujeito à verdade.

Do mesmo modo, a crítica da retórica existente não se esgota na censura da prática oratória, quer, antes, dar o modelo segundo o qual o discurso verdadeiro deve articular-se tanto por sua organização interna quanto pelo conhecimento do objeto sobre o qual discorre.

O *Fedro* permite abordar a filosofia platônica pela relação passado-presente e surpreender o processo de transposição que ela opera sobre o solo conceitual que é oferecido a seu pensamento. O modo pelo qual esses elementos são filtrados, selecionados e se desembaraçam de suas respectivas imagens. É retificando ou substituindo um vocabulário inadequado ou uma forma imperfeita que o pensamento de Platão se forma a si mesmo e se formula, obedecendo a leis próprias de formulação.

Sob o tema da retórica atual se insinua toda a tradição do pensamento grego, toda a antiga sabedoria é revisitada e transposta segundo as exigências de uma epistemologia racionalista.

A transposição platônica no *Fedro* se efetua segundo três perspectivas: religiosa, ética e literária onde se entrecruzam toda a tradição e todo o presente.

Em seu belíssimo artigo sobre “La Transposition Platonicienne”, Diés assinala que esses três níveis correspondem a transformação do Misticismo e do Orfismo, do Erotismo e da Retórica em puro platonismo.

A transposição do Misticismo e do Orfismo deve acompanhar-se na descrição das formas de que se revertiam os delírios divinos. Nos quadros da antiga sabedoria grega de caráter místico e religioso a verdade, oralmente enunciada, é o atributo essencial de certas funções sociais e o privilégio de seres excepcionais. Enquanto um dom concedido pela divindade a seus eleitos, a verdade revela-se aos homens por seus porta-vozes em virtude de uma “intuição especial”. O caráter maravilhoso dessa revelação auto-justifica a palavra em seu contexto mágico-religioso —sua expressão é a de ordem de um monólogo que se furta ao debate e esconde seus fundamentos.

A transposição do erotismo, cuja função no *Fedro* é de fundamental importância para a compreensão da filosofia platônica, atesta a ruptura doutrinária que o delírio erótico filosoficamente transposto implica: a uma suposta glorificação dos delírios divinos opõe-se a base científica da teoria da alma racional, da visão inteligível e da reminiscência que respondem ao profundo intelectualismo platônico e fornecem a base para uma nova concepção da verdade. Substituição do dogma religioso pela exigência de demonstração racional, substituição da intuição do verdadeiro pela pesquisa deliberada e metódica da verdade.

A transposição da retórica, de que todo o diálogo é a ilustração e o exemplo, se efetua em vários níveis que compreendem desde as condições a serem preenchidas por um discurso qualquer até a interrogação sobre os discursos produzidos pela retórica existente; desde sua função pedagógica até a exposição do modelo superior da retórica filosófica e da prática dialética. A análise filosófica dos discursos diz respeito tanto à forma quanto ao conteúdo dos enunciados, visa determinar a ciência oratória enquanto tal. A retórica, como todas as outras técnicas, tem necessidade da filosofia para se tornar a arte autêntica da palavra. Ela se torna objeto de sucessivas transposições no *Fedro* nos três discursos apresentados: o primeiro discurso (Lisias) é um exemplo de falsa retórica, é um paradoxo de escola segun-

do o modelo sofista; o segundo discurso transpõe o primeiro em discurso lógico e socrático, é um exemplo de retórica formalmente boa; e, finalmente, o terceiro discurso é um exemplo de retórica filosófica, o modelo de retórica formalmente boa e realmente boa.

A transposição total da retórica existente em retórica filosófica se realiza no *Fedro* pela exposição do método dialético. É a dialética enquanto fundamento do discurso filosófico que legitima toda pretensão pedagógica.

Em franca oposição ao ensino essencialmente técnico que oferecem a seus alunos os mestres da retórica —cujo conteúdo utilitarista consiste na repetição de fórmulas, de receitas ou de códigos fixos aplicáveis a diferentes situações— a docência filosófica implica na busca incansável da verdade e deve ser capaz de promover, no discípulo, a coragem necessária para dizê-la. Ao ideal politécnico da retórica-sofística, que visa somente o triunfo individual nas discussões que precedem as decisões políticas e judiciais, substitui-se o ideal filosófico segundo o qual a verdade deve triunfar e prevalecer sobre os interesses individuais.

A retórica filosófica quer formar o orador ou o escritor a partir do exercício dialético e do conhecimento da verdade.

A dialética é o programa de um ensino cujo objetivo é a formação moral e espiritual; a verdadeira finalidade da retórica não consiste em convencer ou agradar aos homens, mas em agradar aos Deuses. A retórica filosófica não se recusa a persuadir, mas só o faz pela aproximação do verossímil ao verdadeiro, que dele é o princípio.

Assim, a retórica filosófica se reserva até mesmo o direito de “mitologizar”. Quando o uso da argumentação dialética se revela impossibilitado de cumprir sua tarefa educativa, o mito se faz necessário.

A utilização do mito, freqüentemente empregada no *Fedro*, tem como função principal preparar a alma pela via indireta do verossímil para receber, posteriormente, a verdade.

Só a retórica filosófica pode, desse modo, aspirar a ser uma psicagogia, uma pedagogia das almas.

A discussão concernente à retórica filosófica anuncia o importante debate acerca das relações da palavra oral e da palavra escrita que é preparado ao longo de todo o diálogo e ao qual se consagra a última parte do *Fedro*.

Todo o problema relativo à origem, à história e ao valor da escrita é atualizado pelo diálogo platônico. Trata-se, pois, de decidir sobre suas

funções e limites, sobre a conveniência ou inconveniência de sua utilização, de seus fins e dos riscos que eles comportam.

O aspecto nocivo da invenção da escrita é denunciado por Platão tendo em vista que seu conhecimento, em lugar de instruir os homens e desenvolver sua memória, torna-os esquecidos e dependentes. A instrução que ela oferece se restringe a ser uma imagem distorcida da realidade, o simulacro verbal das coisas.

Sua difusão e utilização, intimamente relacionada ao desenvolvimento político da cidade, implicou o aparecimento de escritores profissionais, sofistas e logógrafos empenhados em redigir discursos ou razões cuja finalidade se reduz à vitória nas lutas da assembléia e do tribunal.

A perversão da retórica transforma a escrita em técnica de dissimulação e converte a habilidade oratória em exploração verbal e persuasiva do verossímil. A palavra escrita, destituindo a paternidade do discurso, desfaz o compromisso do orador de referenciar sua fala à verdade. Essa linguagem sem pai, que só remete a si mesma, é um jogo de relativização dos enunciados que acaba relativizando a própria noção de verdade.

Desse modo, a problemática da passagem da tradição oral para a civilização da escrita corresponde, em seu nível mais profundo, à problemática mesma da verdade. O estatuto da verdade se transfigura e se perde em sua migração da enunciação para o enunciado.

À transmissão oral da verdade, que se efetuava sob a perspectiva de um saber secreto de tipo esotérico que autorizava a fala inspirada, substituiu-se, nos quadros da cidade, a prática sofista da ilusão redigida.

A condenação da escrita por Platão se dirige, essencialmente, ao uso e ao abuso que dela faz a retórica-sofística. A exterioridade implicada pela escrita deixa pressupor a autonomia da palavra com relação à coisa. A escrita enquanto imagem da palavra, desnatura radicalmente a coisa que ela quer representar. A escrita é distância em segundo grau.

Ela desloca seu modelo, dele não fornece nenhuma imagem, arrasta violentamente de seu elemento a interioridade animada da palavra. Fazendo-se, a escritura se distancia imensamente da verdade da coisa, da verdade da palavra e da verdade que se abre à palavra.¹²

12 Derrida, Jacques, *La pharmacie de Platon*, em *La Dissémination*. Ed. du Seuil, Paris, 1972, pp.157-8.

A uma retórica da escrita é preciso opor, segundo Platão, uma anti-retórica onde o exercício da palavra conduza à coisa e à sua verdade.

Apesar da prevenção platônica relativa à escrita, a possibilidade de sua utilização é devidamente considerada. Na medida em que a escrita se limite a reproduzir a conformidade do discurso à verdade e seja capaz de defender-se recorrendo à demonstração, ela se torna passível de uma utilização não sofisticada. É enquanto transcrição da pesquisa dialética das palavras que a filosofia dos diálogos é, também, a filosofia da escrita.

A palavra de verdade da antiga sabedoria inspirada, a filosofia platônica opõe o jogo dialogado e metódico que conduz à verdade da palavra; ao ceticismo verborrágico da sofisticada enquanto escrita sem verdade, a filosofia dos diálogos opõe a própria escrita da verdade.